

1988

# MARIANA E O GÊNIO OSCAR NIEMEYER

(ELA NASCE, ELE RECEBE O PRÊMIO MÁXIMO)

SAMANTA SALLUM

Ele está em tantas memórias de menina, influenciará a futura profissional e continuará até o fim da vida preenchendo, com seu cenário imutável, os capítulos da história de Mariana. A jovem aluna de arquitetura da Universidade de Brasília (UnB) é uma típica moça da geração Brasília, filha de uma médica servidora pública e de um professor de educação física que vieram para a capital construir uma família e um futuro.

O traçado de Oscar Niemeyer cerca a vida de Mariana Brito Portela. Fez-se dentro dela também e de tantos outros brasilienses. Nascer no berço de uma das maiores referências do trabalho de Niemeyer fez, sim, diferença no que Mariana é hoje, mesmo sem ter consciência disso.

Ela nasceu num ano marcante para Niemeyer e para a arquitetura brasileira. Uma data de consagração internacional: 1988. Quando a filha do meio chegava à família Portela, o mestre da prancheta, então com 80 anos, recebia o prêmio Pritzker, a maior condecoração profissional na área, conhecido como o Nobel da arquitetura. Niemeyer foi o primeiro brasileiro a conquistar tal reconhecimento. O prêmio, criado em 1979, escolhe todo ano um arquiteto vivo e o premia pela excelência de sua produção.

Mariana estava predestinada a seguir os passos daquele que já tinha oito décadas de realizações à sua frente. Os monumentos da Esplanada

dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes são referências fortíssimas para Mariana. É a lembrança de tantos percursos de carro, para ir e voltar da escola, para ir ao médico, para passear. A Catedral remete a momentos de família, felizes e tristes, como o aniversário e a missa de sétimo dia do tio. O Palácio da Alvorada, aos passeios de escola. Mas é pelo Palácio do Itamaraty que ela se deslumbra. “É maravilhoso. Niemeyer foi genial, tenho orgulho de ter nascido aqui, em meio à obra dele e de Lucio Costa”, diz a moça.

Mariana pretende ser uma arquiteta engajada. A palavra-chave para ela é sustentabilidade. A futura arquiteta reverencia Niemeyer, mas não o endeusa. Faz algumas críticas, aquelas sobre funcionalidade e conforto. Aponta em algumas obras o que seriam falhas aguçadas pelas aulas na universidade. “Há discussões sobre alguns trabalhos dele. Mas nem de longe dá para não valorizar toda a sua obra, tudo que



ESTUDANTE DE ARQUITETURA, MARIANA APOSTA NA SUSTENTABILIDADE E RASGA ELOGIOS A NIEMEYER: “ELE FOI GENIAL”

## E MAIS...

O país viveu uma das suas maiores transformações políticas do século com a promulgação da Constituição de 1988, a sétima a reger o país desde a proclamação da independência — trabalho da Assembléia Nacional Constituinte, instalada em fevereiro do ano anterior. O ano marcou ainda a realização das Olimpíadas de Seul, a primeira depois dos boicotes dos Estados Unidos, em 1980, e da então União Soviética, em 1984. O Brasil, naqueles Jogos, conquistou apenas uma medalha de ouro, com o judoca Aurélio Miguel. Em outubro, porém, o esporte daria uma das maiores alegrias aos brasileiros amantes do automobilismo: Ayrton Senna, com uma vitória histórica no GP do Japão, conquistou seu primeiro título mundial de Fórmula 1. A velocidade perdeu ainda um dos seus maiores ícones, o comendador Enzo Ferrari, bem como a música seguiu sem o trompetista Chet Baker. Antes de 1988 acabar, em 22 de dezembro, o ambientalista e sindicalista brasileiro Chico Mendes ainda seria assassinado, aos 44 anos, a tiros, em Xapuri, no Acre.

representou na história da arquitetura”, diz ela.

E, para Niemeyer, a jovem Mariana, mesmo sem conhecê-la, tem mais valor que os prêmios já recebidos. Ele destaca: “O mais importante não são a arquitetura, os prédios, os prêmios. É a vida que os permeia, são as pessoas.” Para ela e para todos os jovens alunos, diz: “É preciso que tenham interesse além da arquitetura, além de ser um especialista, um vencedor. É preciso dar importância à vida e buscar a humanidade em tudo.”

E, para os 49 anos de Brasília, o arquiteto que desenhou os monumentos da nova capital relembra incansavelmente seus companheiros. “Sobre Brasília, só tenho bem a falar. O povo que vive nessa cidade é maior que minha arquitetura. Os operários que construíram a capital também são autores principais desta obra. Relembro o entusiasmo de Juscelino, a persistência de Israel Pinheiro, o feliz plano de Lucio Costa...”